

apresentação

Carlos Fuentes afirmou, certa vez, que vivemos em países onde tudo está por ser dito, mas também onde está para ser descoberto *como* dizer este tudo. Nos caminhos que se procura percorrer, busca-se não só descobrir, mas inventar rumos, novos olhares que jamais se acalmam diante da diversidade ou dos discursos estigmatizados. Um olhar curado da miopia, comprometido com o presente sem perder de vista a tradição constituidora das identidades, nem tampouco o futuro incerto, mas necessário para a madurez das conquistas. E vamos ensaiando *comos* e *porquês*...

O trabalho em parceria tem fornecido pistas na ampliação dos focos dessas lentes caleidoscópicas, libertando-nos da endogenia. Por isso, neste número da **Alere** – Revista do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários/PPGEL – cinco Universidades contribuem na sua composição: a UFRGS, a UERJ, a UNESP, a USP e a UNEMAT. Numa inédita estrutura temática (sem que isso fosse colocado como exigência na recepção dos artigos), os textos encaminham reflexões sobre as formas simbólicas da memória que se interpõem entre a posição do narrador e as operações discursivas que determinam o senso de alteridade, transformando a coletânea num registro de olhares em que o *Outro* é examinado à luz de teorias que estabelecem interlocução com os temas propostos, seja através

do procedimento da linguagem ou de outros recursos da construção da narrativa, seja através da retomada da imagética discursiva. Desta forma, lê-se barthesianamente “levantando a cabeça” diante do inusitado no momento em que o leitor entrega-se à dialética proposta.

Ao falar sobre o narrador Walter Benjamin destaca a importância da sua sabedoria e coloca-o entre os mestres e os sábios, desenvolvendo um pensamento que possibilita o exercício ético de caráter libertador do comentário. O olhar crítico que permeia a relação entre a história e a ficção indica o diálogo intertextual na forma artesanal de comunicação em que o narrador deixa suas marcas, como as que se encontram nestas leituras.

Assim, os narradores desta coletânea perfazem um percurso próprio ao desenvolvimento dessas (e outras) reflexões. Maria Heloísa Martins Dias explora uma vertente pouco estudada do poeta Carlos Drummond de Andrade em “Breve Passagem de Drummond pelo fantástico”. Não é da conhecida verve poética que ela trata, mas do contista (quase) desconhecido que traz o narrador preocupado com uma “devoração erótico-perversa” carnavalizada, tal como a define Bakhtin na “naturalidade do absurdo”, numa leitura fluida em que, de fato, vale a pena (re)buscar o texto literário, e que conclama seu leitor (e juntamente conosco) a se aventurar nas redes trançadas pela narrativa.

No sentido dialógico, a reflexão sobre a memória retorna no artigo “Memórias de Joaquins: entre Macedo e Machado”, de Maria José Cardoso Lemos, em que os conhecidos escritores são retomados na perspectiva do narrador disfarçado em primeira pessoa. O inusitado também aqui se presentifica como instância autoral dissociada narrador/autor para se entender o que Machado de Assis pretendia criticar em meio ao recém-criado regime republicano. O gênero memórias surge como estratégia que se aproxima da criação de um suposto autor num jogo de máscaras que estabelece as fronteiras (ou os des-limites) entre memória e ficção.

Nesse mesmo sentido Sheila Katiane Staudt, em “**Memorial de Aires**: a preservação da memória através do processo de escrita” ensaia a apreensão das lembranças pelo narrador. E é a Walter Benjamin que recorre para fundamentar o tipo de narrador do diário de memórias que “valoriza a utilidade e a essencialidade do seu escrito e não os fatos sem serventia para fins de recordação”.

Quando Flora Süssekind analisa a gênese do narrador de ficção nos relatos de viagem está preocupada com a formação/configuração da literatura brasileira, no momento em que o *Outro* se coloca como elemento de relação aqui/lá, e os textos de viagem são tidos como paradigmas dessa discussão. Entre o diário – tanto o íntimo, quanto o resultante do movimento da viagem – e a escritura em trânsito, o romance **Mongólia**, de Bernardo Carvalho, é anunciador de um movimento histórico que não se cansa de ser revisitado na literatura contemporânea. No artigo “**Mongólia**: viajantes em trânsito”, Gínia Maria Gomes nos brinda com memórias que anunciam pontos de vista sobre a alteridade que esclarecem a multiplicidade dos olhares metamorfoseados na/pela diversidade de narradores tão próximos e, ao mesmo tempo, tão distantes.

As interpretações dos textos memorialistas continuam nas análises de Olga Maria Castrillon-Mendes, “Narrativas em confronto: Taunay e a escrita da memória” e Márcia Romero Marçal, “Testemunho e literatura da alteridade em **Memórias do Cárcere**, de Graciliano Ramos”. A primeira recupera uma narrativa mista de documentos, cartas íntimas e depoimentos oficiais e de populares da cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade, uma célula embrionária cujas origens estão na gênese de Mato Grosso. Em **A cidade do ouro e das ruínas**, do Visconde de Taunay, a memória da guerra, as impressões e sensações sobre a natureza são transformados em matéria de ficção, constituindo o *entrelugar* do discurso cujo aparato de composição reconstrói um passado singular na forma como foi inventado no século XIX. Márcia Romero

Marçal, por sua vez, interpreta as contradições entre a objetividade e a cientificidade (o saber legitimado como “verdade”). A alteridade que se salienta desses discursos literários – do século XIX e das primeiras décadas do XX, respectivamente – é anunciadora do poder do Estado, tanto pelo lado apologético do Visconde de Taunay, quanto pelo de denúncia social, portanto, precursores de uma forma de modernidade que será ratificada (e ampliada em outras vertentes) por Mário de Andrade, como se vê na análise de Dante Gatto, em “Literatura e nacionalismo em Mário de Andrade no tempo de **Amar, verbo intransitivo** – idílio”. Nas fronteiras entre a literatura de testemunho e a ficção, o esforço do escritor é levado à experiência extrema e ao exercício narrativo de dar voz ao *Outro*.

A *síntese*, portanto, do que tem sido proposto pela literatura ao longo dos tempos tem passado pelas formas variadas de procura de caminhos de uma renovação estética e ideológica que instaura discursos (coerentes ou não) e representa a dialética de desenvolvimento da escrita. Pelo processo construtivo das produções a visão homogênea vai cedendo lugar à pluralidade cultural, inserindo a literatura, principalmente, a memorialística, no movimento de consciência crítica da realidade brasileira e na busca dos instrumentos estéticos de identificação do nacional nem sempre coerente, mas passível de recortes do *como* dizer.

Esperamos que este volume – em que incluímos os resumos das dissertações da primeira turma de mestres – seja portador de novidades e contribua para estas (e outras) reflexões em rede que se tornam salutares rumo aos novos (en)caminhamentos e na visão múltipla do papel do intelectual das universidades brasileiras.

OS EDITORES